

# SESSÕES DO PLENÁRIO

**18ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 13 de junho de 2023.**

## **PRESIDENTE: DEPUTADA OLÍVIA SANTANA (AD HOC)**

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Evocando a Constituição da República Brasileira e a Constituição do Estado da Bahia, eu declaro aberta a sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao cantor, compositor e empresário Antônio Carlos Santos de Freitas, o nosso querido Carlinhos Brown, nos termos da Resolução nº 2.109, de 2023, proposta por mim, deputada Olívia Santana. (Palmas)

Para compor a Mesa, eu convido imediatamente o nosso vice-governador do estado da Bahia, Geraldo Júnior, que neste ato, e em qualquer outro ato, representa o governador do estado, Jerônimo Rodrigues; convido, com muita honra, D. Madalena, a mãe do homenageado, esse ventre que deu à luz essa personalidade que é referência para a música e para a cultura brasileira; convido de imediato o Sr. Bruno Monteiro, secretário de Cultura do Estado da Bahia; a Sr.<sup>a</sup> Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos de Comunidades Tradicionais; o Sr. Paulo Miguez, magnífico reitor da Universidade Federal da Bahia; o Sr. Fernando Guerreiro, presidente da Fundação Gregório de Mattos, que neste representa o prefeito da cidade de Salvador; a Sr.<sup>a</sup> Mônica Aragão, que neste ato representa a defensora pública-geral do estado da Bahia, Firmiane Venâncio; o Sr. Pedro Tourinho, secretário de Cultura de Salvador; convido, com muita honra, a Sr.<sup>a</sup> Margareth Menezes, ministra da Cultura, representando o governo federal; o Sr. João Jorge Rodrigues, presidente da Fundação Cultural Palmares; com muita honra, convido doté Hamilton, líder religioso do Terreiro Vodun Zo, por favor, sua bênção e sua presença nesta Mesa; convido Mateus Aleluia, meu querido amigo, nosso músico, cantor, compositor, pesquisador, referência na história da música baiana e do Recôncavo, o mestre de Os Tingoãs, o Seu Mateus. (Palmas)

Convido o secretário do Trabalho, Davidson Magalhães, para, junto com os deputados Ricardo Rodrigues, Emerson Penalva, Raimundinho da JR e a deputada Cláudia Oliveira, por favor, conduzir o homenageado até a Mesa. Desculpem-me, estou muito emocionada.

Quero, aqui, agradecer pela presença aos nossos povos indígenas, que estão em luta e que receberam lindamente o nosso cacique Carlinhos Brown. Convido também o líder do Governo, Rosemberg Pinto, a fazer parte da comitiva que acompanhará o homenageado, Carlinhos Brown, ao recinto. Nosso Antônio Carlos Santos de Freitas, Carlinhos Brown, chamado neste momento a compor a Mesa, conduzido pelas

autoridades, a comitiva de parlamentares desta Casa e também o nosso cortejo dos Filhos de Gandhi.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

Integrante do Filhos de Gandhi: Carlinhos Brown, o Gandhi é de 1949 e eu faço parte da nova geração. Me sinto muito lisonjeado por estar fazendo esta homenagem aqui para você, que é merecedor, um artista maravilhoso, que respeita o fundamento, que respeita a tradição, e a gente preza por isso. Você tem uma história maravilhosa nos Filhos de Gandhi.

Começou jovem, como percussionista, compositor e, aí, fez suas canções. Uma dessas canções eu já cantei aqui: *Deixa eu passar*. Temos várias outras, temos de outros compositores presentes também. Mas você é maravilhoso!

Obrigado por tudo que você fez e que você faz por nós. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Gente, é lindo demais!

Eu peço a todos que permaneçam em posição de respeito, porque nós vamos ouvir o Hino da Bahia, o Hino ao Dois de Julho.

Agradeço pela enorme contribuição ao nosso afoxé Filhos de Gandhi, que acabou de se apresentar. Palmas para o Gandhi. (Palmas)

(Procede-se à execução do Hino ao Dois de Julho.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero registrar a presença aqui do líder do governo Jerônimo Rodrigues, o nosso deputado estadual Rosemberg Pinto, e também dos deputados Eduardo Salles, Vitor Bonfim, Raimundinho da JR, Penalva, Ricardo Rodrigues, Eures Ribeiro e Robinson Almeida, a quem eu peço que segure 1 minutinho, porque eu vou precisar que V. Ex.<sup>a</sup> me substitua por alguns momentos. Quero saudar a nossa deputada Maria del Carmen, presidente da Comissão de Constituição e Justiça; o deputado Pancadinha; e a deputada Cláudia Oliveira. Já temos quórum para fazer sessão ordinária, Brown. Bateu recorde de participação parlamentar. (Risos)

Mas eu quero saudar, aqui, a presença da nossa querida artista Sara Jane, que veio prestigiar; nosso grande Armandinho também aqui presente; Aroldo; toda a família Macedo aqui presente; registrar a presença de Luiz Caldas. Já recebeu todo o axé dos nossos povos indígenas, junto com Brown, na chegada. O ritual feito pelo pajé e o nosso cacique Reinaldo, que comandou aquele ritual de abertura tão importante.

E nós temos que saudar de maneira muito especial o aniversariante desta manhã, Brown, o nosso querido Antônio Carlos "Vovô", presidente do Ilê Aiyê. Uma salva de palmas para "Vovô! (Palmas) Meu querido, parabéns! Que todos os orixás te iluminem! Que Mãe Hilda Jitolu sempre abra e ilumine os seus caminhos!

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu vou solicitar, agora, ao presidente da Federação Brasil da Esperança, deputado Robinson Almeida, que ele possa assumir o comando desta sessão por alguns momentos, para que eu possa proferir o meu discurso.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Com a palavra a deputada Olívia Santana.

**A Sr.<sup>a</sup> OLÍVIA SANTANA:** Sr. Presidente, colegas deputadas e deputados, Sr. Vice-Governador, Geraldo Júnior. Saudar de maneira muito especial o nosso homenageado desta manhã, o nosso grande Carlinhos Brown, que a Bahia tem a felicidade de ser a sua terra-mãe. Deus me livre de não ser baiana! Realmente, é uma situação de grande emoção para nós sabermos que esta terra, que é a terra do tropicalismo, a terra do Cinema Novo, é uma terra que continua parindo gente espetacular, emprestando talentos ao Brasil. E o nosso querido Carlinhos Brown, essa oferenda que foi trazida pelo ventre de D. Madalena, (palmas) o que tanto nós temos que agradecer a ela. Do mesmo modo, "Vovô", que a gente homenageia Mãe Hilda Jitolu, que botou você no mundo, que te empurrou para a frente, para que você conseguisse fazer esta grande obra que é o Ilê Aiyê.

Eu já estou quebrando, aqui, o acordo que eu fiz comigo mesma de não falar de improviso.

Mas, enfim, quero também saudar e agradecer a presença do nosso querido Bruno Monteiro, secretário de Cultura do Estado da Bahia; saudar Ângela Guimarães, nossa secretária de Promoção da Igualdade Racial e de Povos e Comunidades Tradicionais do Estado da Bahia; Pedro Tourinho, secretário de Cultura da cidade do Salvador, capital baiana; Fernando Guerreiro, presidente da Fundação Gregório de Mattos que neste ato representa o prefeito; Paulo Miguez, reitor da minha universidade, da Universidade Federal da Bahia, que é também um grande conhecedor das culturas baiana e brasileira; meu querido João Jorge, presidente da Fundação Cultural Palmares, que veio à Bahia especialmente para este ato. Seja muito bem-vindo. A identidade de João Jorge com Brown é óbvia, ele que por tantos anos presidiu, criou, fundou e também emprestou ao Brasil e ao mundo essa experiência que é o bloco afro Olodum. Quero tomar a bênção ao doté Hamilton, que está tão bem posicionado nessa Mesa por escolha religiosa do nosso homenageado. O doté Hamilton é do Terreiro Vodun Zo. Saudar o meu mestre Mateus Aleluia, aqui tão bem recepcionado. (Palmas) Um macete, quando a pessoa quiser uma palma é só saudar o mestre Mateus Aleluia. (Palmas)

Mas, Sr. Presidente, eu quero também saudar a família do nosso homenageado e agradecer pela presença a cada um: Daniele Barvanelle, esposa do homenageado; Clara Buarque, atriz e filha de Carlinhos Brown; Miguel Freitas, mais um artista dessa família maravilhosa, filho do homenageado; o Sr. José Ferreira da Silva, tio do homenageado; D. Alice, tia do homenageado; e a Sr.<sup>a</sup> Camila, que é a nora do nosso homenageado. (Palmas)

Bem, convidadas e convidados presentes a esta sessão, eu quero, aqui, justificar aquilo que não precisaria ser justificado: por que o nosso Carlinhos Brown recebe a Comenda Dois de Julho nesta data de hoje.

(Lê) “Quando o Brown nasceu, tinha passado apenas 74 anos que a abolição havia acontecido no Brasil. E como milhões de pessoas negras neste país e em outros países da diáspora, seu nascimento se deu num bairro economicamente pobre. Antônio Carlos Santos de Freitas é cria da comunidade do Candeal Pequeno de Brotas. Para quem não sabe, aquela pequena comunidade é também carregada de história, é um quilombo urbano.

Segundo historiadores, o Candeal Pequeno guarda raízes em 1769, quando uma mulher negra, africana, Josefa Santana, oriunda da Costa do Marfim, chegou ao Brasil em busca dos parentes que vieram escravizados. Ela constituiu família com Manuel Mendes e comprou a ‘Roça Candeal Pequeno’. Ali, dona Josefa, comprava e libertava pessoas negras e acolhia os fugitivos.

Na contemporaneidade, Carlinhos Brown dá sequência a essa história de libertação, de defesa da dignidade do seu povo. Na adolescência, ele trabalhou como pedreiro, como pintor, como *office-boy*, faxineiro, vendedor de sorvete e de paçoca...”

E, pasmem, trabalhou, na fase da sua juventude, até nesta instituição, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. (Palmas)

Deputado Javier Alfaya, a quem eu recepciono pela chegada, Brown fazia tudo aquilo que era preciso para ajudar a sua mãe, seu pai, sua família. Numa entrevista, deputada Maria del Carmen, deputada Neuza Cadore, ele mencionou isso.

(Lê) “(...) Palavras dele no Programa Esquenta, de Regina Casé, em 2013: ‘Fazia o que era possível para levar algo para os meus pais, não podia deixá-los abaixo da linha da pobreza sem fazer nada. Mas levava principalmente o respeito, a dignidade’.”

A história básica de Carlinhos Brown é semelhante, portanto, à minha história, eu que sou filha de lavadeira; é semelhante à história da atriz Viola Davis, uma artista mundial, planetária, mas que tem a mesma base que nós temos; é semelhante à história de Djavan, filho de uma lavadeira. Esse país deve muito às lavadeiras, hein, gente?

(Palmas)

Portanto, (Lê) “(...) do mais famoso ao anônimo, à anônima, salvo raríssimas exceções, as pessoas negras têm pontos de partida muito semelhantes. A gente vem de um barro comum, amassado pelo colonialismo e pela escravidão.”

Essas são as fórmulas que modelaram a base da pirâmide, os alicerces da construção da nação. Romper o círculo de miséria e pobreza é um desafio zumbílico, digamos assim, o que Brown se propôs a fazer e fez, e venceu.

(Lê) “(...) Nosso mestre, antes de sê-lo, bebeu na fonte da sabedoria de Osvaldo Alves da Silva, o velho Mestre Pintado do Bongô, figura carimbada nas rodas de samba das festas populares de Salvador e da Bahia. Foi ele quem ensinou a Brown todo um letramento musical.”

Armandinho, você que diz que toca de ouvido como o nosso querido Luiz Gonzaga, inesquecível, que numa entrevista disse que não foi aprovado numa orquestra porque não sabia o que era mi bemol, e ele morreu sem saber. O maestro que o discriminou, na busca absoluta da erudição como referência, ninguém sabe quem é, mas o Brasil e o mundo sabem quem é o Rei do Baião. Não é, mãe Márcia? (Palmas)

Então, Pintado do Bongô, (lê) “(...) ensinou Carlinhos Brown a tocar pandeiro, tamborim, reco-reco, bongô. Enfim, uma variedade de instrumentos percussivos. Ele vem do gueto e o gueto foi por ele ressignificado.”

Deputado Pancadinha, a quem eu aproveito para saudar, o Brown, Carlinhos Brown, Luiz Caldas, Aroldo, fez da música um verdadeiro arrastão civilizatório.

(Lê) “(...) A presença e o trabalho dele trouxeram obras de infraestrutura, fez colorir as casas descarnadas do Candeal, levou cursos de qualificação para a juventude,

fundou três grandes equipamentos culturais e educacionais com o apoio da Agência de Cooperação Espanhola.”

E eu lembro que em 2005, eu era a secretária da Educação e Cultura de Salvador, estive naquela casa no Rio Vermelho que agora não existe mais, mas que era linda, cheia de coqueiros, e que ali a gente conspirou a construção da creche La Almudena, que você conseguiu fazer. Precisava do apoio da Prefeitura de Salvador e a gente trabalhou para já deixar engatilhado para que você pudesse realizar um sonho que não era só seu, que era da comunidade e que foi o nosso sonho. E eu fiquei muito feliz quando vi aquela obra realizada, mesmo não estando mais na Secretaria da Educação e Cultura de Salvador.

(Lê) “(...) Em 2018, Brown foi nomeado Embaixador Ibero-americano para a Cultura em solenidade presidida pela Secretária-geral Ibero-americana, Rebeca Gryspan, que veio a Salvador para conhecer a obra de Carlinhos Brown. E foi aqui que ele recebeu esse título que, mais uma vez, engrandece a história da Bahia.

Observem que (Lê) “(...) O Candeal, berço geográfico do nosso artista, era pobre em condições urbanísticas e socioeconômicas, mas sempre teve um povo talentoso e lutador.”

Neste sentido, Brown conseguiu ir para o mundo sem jamais perder as suas raízes, Tamires. Na arte, Brown iniciou sua carreira e até pelo rock and roll ele já passou. E ele dá um testemunho que diz o seguinte:

(Lê) “A lembrança mais forte que eu tenho foi a de gerar a confiança na minha família...” (Palmas)

As palmas especiais de Clarindo Silva, esse ícone! O prefeito do Pelourinho! (Palmas) Nossa maior referência também, companheiros.

É porque a família é muito importante para a gente, não é? E muitas vezes temos até famílias despedaçadas, o que não é o caso do nosso homenageado, mas a gente junta o que tem e a gente se recria, se ressignifica.

Então ele disse:

(Lê) “Lá para os 15 anos, em meados dos anos 70, eu fui contratado por uma cantora, Leila, para trabalhar com ela em barzinhos tocando percussão no bairro do Rio Vermelho, em Salvador...” Eu fiz muito luau no Rio Vermelho e já toquei violão, hoje em dia, não faço mais nada dessas coisas, a política impediu. (Lê) “(...) Quando cheguei lá, tinham outros cantores também fazendo shows na noite do bairro e que passaram a me chamar para tocar percussão com eles. Foi assim que comecei a minha carreira como percussionista.”

O inventor de ritmos e novas sonoridades nunca se perdeu das suas raízes ancestrais, sua africanidade, que virou afrobrasilidade. O Olodum tem a marca do samba-reggae e Carlinhos Brown participou diretamente dos primeiros arranjos que originaram o axé music e o samba-reggae na Bahia...” – João Jorge, Sara Jane e meu mestre Tonho Matéria, que também já vi por aqui – “(...) E foi no Carnaval de 1981 que Brown, ao lado de Vicente dos Santos, fez a grande aposta de levar para um trio elétrico timbales de lata, o bongô – do seu mestre Pintado –, atabaques e outros instrumentos, até então nunca utilizados por músicos de trios elétricos...” Armandinho e Gavazza, aproveito para cumprimentá-los.

Armandinho, com sua guitarra baiana, e o povo das sonoridades elétricas viram esse menino reinventar os sons do Carnaval, dando alto relevo à percussão naquelas estruturas “trieletrizantes”.

(Lê) “(...) Em 1985, Brown recebeu o Troféu Caymmi por ter 26 músicas tocadas nas rádios de Salvador.

Entre as canções, estão: *Remexer*, *O Coco* e *É Difícil*.

Seu primeiro sucesso, porém, de projeção nacional foi *Meia Lua Inteira*”, Tonho Matéria. É lógico que a capoeira tinha de ser parte dessa alquimia, (palmas) e o fez ao lado de Caetano Veloso, que cantava a música e deu, portanto, essa grande repercussão a uma música que é atemporal, e que em todas as festas a gente ouve cantar.

Portanto, finalizo, companheiras e companheiros, dizendo que (lê) “(...) Com mais de 900 composições autorais, Brown tem 1.192 gravações cadastradas no banco de dados do Ecad.” (Palmas)

E o nosso homenageado, portanto, obviamente, arrebatou dois Grammys Latinos. (Palmas) A Bahia tem Grammy, porque a Bahia gosta de ostentar esses sucessos da música brasileira e internacional.

Eu quero dizer, Brown, de duas composições que são belíssimas. A primeira é a sua experiência com os Tribalistas, de quando você contribuiu com a composição *Velha Infância*. Todo mundo ouve *Velha Infância* como se eles e elas estivessem falando de uma pessoa por quem são apaixonados ou apaixonadas, mas, na verdade, fala desse lugar belíssimo, aconchegante, o aconchego da infância.

Também quero destacar que, sendo eu uma filha de Iansã Balé, sinto-me identificada com *Ginga de Balé* e, toda vez que canta, a gente não tem outra sensação senão o desejo de dançar, de cantar, de celebrar a vida e de celebrar essa maneira tão respeitosa, essa maneira tão acolhedora, tão digna, minha querida Marinalva, aqui presente também, da luta das professoras e professores, a quem eu quero saudar e recepcionar. (Palmas)

Mas quero dizer que Brown é alguém que contraria a lógica de que, para fazer música de sucesso, é preciso desqualificar mulheres, é preciso atacar e atingir as mulheres, ou eleger alguém para projetar racismo, para projetar LGBTQIA+fobia. Brown é uma figura do gueto, não com o diploma universitário, não porque não escolheu fazê-lo, não porque não escolheu a universidade, é porque as condições, Chicão, dessa trajetória que a gente tem, muitas vezes, fecham as portas das instituições acadêmicas e de tantas outras instituições.

Mas Brown arrombou a porta e com a força da vida conseguiu chegar a todos os lugares, a todos os cantos, a todas as instituições sem nunca, nunca perder de vista as suas raízes reais!

Quem me conhece sabe que eu não ando fazendo homenagens, rendendo homenagens a quem eu não vejo que é de direito. Há pessoas que telefonam, que ligam, Selma Calabrich, para pedir para serem homenageadas, mas a gente tem o entendimento de que a homenagem é um coroamento. Uma figura como o Raimundo Sodré, que está aqui, o homem de *A Massa*, da massa da mandioca, mas de tantos outros sucessos. (Palmas) Eu quero também estender essa homenagem do dia de hoje

a você, Raimundo Sodré, que canta esse chão do nosso povo, que sabe que homenagem a gente faz a quem tem uma obra, uma trajetória, uma contribuição social.

Brown, eu agradeço a você, deste lugar de pedagoga, professora, educadora, gente que vem do mesmo barro que você. Eu quero ter essa oportunidade de agradecer por toda a obra que você realizou na Bahia, toda a obra que você deixou aqui plantada e eternizada na cidade de Salvador. Você sabe que você não é só um artista, você não é só um músico e, em nenhum momento, em todos os lugares, em todos os tapetes vermelhos que foram colocados para você, você jamais esqueceu do seu povo.

Várias pessoas da imprensa me perguntaram: “E aí, como é homenagear Carlinhos Brown?” E eu disse: “É uma sensação indescritível.” Ontem, ontem, apenas ontem, a gente falou com os indígenas e eles não queriam vir participar desta sessão com uma comitiva, porque acabou calhando o acampamento indígena com esta sessão aqui. E aí, bastou esse contato, que hoje nós fomos surpreendidas e surpreendidos com a presença de uma grande comitiva de povos indígenas Pataxó e Tupinambá, que vieram recebê-lo, e o pajé, que fez todo um ritual de passagem para Brown. (Palmas)

Essas coisas não se comprem, essas coisas você não força a acontecer, essas coisas acontecem porque, Clara, seu pai é merecedor; Miguel, seu pai é merecedor! Aproveitem ao máximo o pai que vocês têm, porque a Bahia, o Brasil e o mundo também reclamam a presença dele. E vocês não vão ficar com ciúmes da gente porque, se os filhos são do mundo, mães e pais, muitas vezes, também o são.

Axé, Carlinhos Brown! Viva Brown! Viva a medalha, a Comenda Dois de Julho no peito correto, no peito certo, no peito do talento da cultura baiana, da cultura brasileira!

Axé! Que todos os orixás e Deus te iluminem! (Palmas)  
(Não foi revisto pela oradora.)

Participantes da sessão cantam: “Ô, timbaleiro, cadê o timbal? Lê, lê, lê, ô, lê, lê, lê, ô. Ô, timbaleiro, cadê o timbal? Lê, lê, lê, ô, lê, lê, lê, ô.”

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Salve a juventude da Pracatum! (Palmas) A nossa escola de música é referência na formação de jovens percussionistas, mas também digitais e tantas outras contribuições que essa escola vem dando à formação da juventude da nossa terra.

Quero também saudar a Didá. (Palmas) Que encontro belíssimo o de vocês! Encontro da Didá com a Pracatum. Que coisa linda!

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero agradecer ao deputado Robinson Almeida e convidar, de imediato, para fazer uso da palavra, o nosso doté Hamilton, para que ele possa fazer a sua saudação de 5 minutos. (Palmas)

**O Sr. HAMILTON:** É emocionante. Não vim preparado para falar, mas que jeito? Tenho que falar. Eu quero homenagear, agradecer a Olívia Santana e a Carlinhos Brown, que eu conheci pivetezinho, lá no Candéal. Dizer que a Bahia é negra; o Brasil é negro. Fico feliz em saber que um negro está sendo homenageado, porque, apesar de eu ter uma cor clara, eu também sou negro.

Fico muito feliz e só tenho a dizer que Deus e Ogum lhe deem caminho, felicidade, amor, carinho, prosperidade. Que você continue sendo essa pessoa maravilhosa que você é, essa pessoa que continua fazendo um trabalho no Candeal e que resgata muitas crianças negras do mundo da droga. Porque hoje todo mundo fala que tudo bem, mas as pessoas esquecem que a droga está matando no mundo, principalmente na Bahia. Onde eu moro, no Curuzu, em um bairro negro e pobre, uma, duas, três crianças negras morrem por semana.

Então sobre o que Carlinhos Brown faz, é só dizer:

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

**O Sr. HAMILTON:** Que Vodun Gun lhe dê anos de vida e saúde, a você e a todos que estão aqui presentes. Que Lissá nos dê a paz. O mundo precisa de paz, só de paz.

(Procede-se à saudação religiosa.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Axé, doté Hamilton!

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero, com muita honra, saudar a presença da artista Patrícia Gomes, cantora, a primeira cantora da Timbalada, que está aqui também presenciando, testemunhando este momento. (Palmas)

Passo imediatamente a palavra ao nosso músico, cantor, compositor e historiador, Mateus Aleluia. (Palmas)

Pode falar da Mesa, viu, mestre?

**O Sr. MATEUS ALELUIA:** O.k. Bom dia! É difícil a gente não falar quando estamos na multidão. É muito difícil, a multidão nos impulsiona. Na realidade, nós somos isso. Esse plural é uma realidade: nós não existimos sós. Sós não somos nada!

Nesta homenagem hoje aqui, promovida por Olívia, essa nossa digna representante, eu me reporto ao mais profundo do que poderia haver em mim para dizer que hoje, realmente, se realiza aquele velho adágio, digamos assim: “A natureza tem leis e o homem tem moral”. A moral do homem é o que leva o homem a não gostar ou gostar, a discutir ou não discutir, a ser ou não ser. Ele desconhece que ele, sendo ou não sendo, ele é, ele está.

A lei da natureza, hoje eu a vejo se cumprindo. Se cumprindo como? E, para falar disso, eu vou ter que divagar um pouquinho. Vocês permitem? Quando falo assim de Carlinhos, eu tenho de me recordar de, três ou quatro como tintoã, quando falo assim do Carlinhos. Porque Deus, eu, um, três ou quatro, que foram os números de componentes que Os Tintoãs teve na sua trajetória. E Os Tintoãs que hoje em dia todos nós conhecemos... talvez eu já conheça há mais tempo do que vocês, mas todos nós conhecemos.

Em 1983, quando eu deixei o Brasil para ir a Angola, em um projeto de solidariedade com os países de expressão portuguesa e africana, recém-independentes. Lá, fiquei durante 19 anos e 8 meses. Recordo-me de que, na passagem de 1999 para 2000, se não me engano, eu estava lá. Alguém veio me falar: “Aleluia – lá eles me chamam de Aleluia – tem um cantor abrindo a noite de réveillon na Bahia com aquela

música de vocês *Na Beira do Mar*.” Eu disse: “Realidade?” Ele afirmou: “Sim, realidade.” Era Carlinhos Brown cantando aos 5 anos.

Quero crer que, à essa época, nós éramos uns ilustres desconhecidos. Nós saímos do Brasil. Pronto. Você, quando sai, principalmente naquela época, nós saímos em 1983, ainda em plena ditadura, a tendência, tudo ficou para trás. Quando eu vi Carlinhos cantando *Na Beira do Mar*, eu digo: “Que interessante! Esse mar, que nos separa, nos une. Nós estamos na Baía de Luanda. E, lá, na Baía de Todos-os-Santos, tem alguém não deixando que esse canto do tincoã fique esquecido. Que interessante!”

Essa é a verdadeira Bahia profunda. É isso o que eu vejo em Carlinhos Brown. O que seria a Bahia profunda? Seria a Bahia de estado? Também. Mas a Bahia profunda, para nós, para nós, filhos dos encantados, acreditamos que a Bahia profunda é a Baía de Todos-os-Santos, é a baía com “i”. É a Baía, a nossa Baía de Todos-os-Santos, onde também está a Bahia estado.

Para mim, Carlinhos Brown é isso, é essa inclusão de credo.

Nós advogamos o princípio de que a cultura vem do culto. Se não houvesse o culto que disciplina a forma de estar na comunidade e que, depois, esses hábitos disciplinados passam a ser cultura. Na realidade, o culto é aquela parte cognoscível, que não se explica. É o “religare”, quando você se liga a algo que você anda à procura. Por mais que você procure, eu penso que ainda não encontrou. Mas vamos continuar procurando.

Carlinhos, para mim, é isso, é esta Bahia profunda. Ele é esse ser, esse ser música (palmas) ser música. A palavra diz. E em todos os segmentos religiosos, antes de tudo, houve a palavra. Acreditamos que, antes de tudo, houve a música, porque o homem, que foi a última criação, quando aparece, já encontrou tudo feito.

E quem regeu essa orquestra que mexeu com todos os elementos? Os elementos, a terra se mexendo, os ventos uivando, as árvores surgindo? São violinos, percussões. Então, isso aí, quem mexeu com isso? O homem quando chegou e encontrou tudo isso, ele teria de falar. Aí, é que vem a palavra. Mesmo assim, se ele não tivesse som que é música, a palavra não sairia, a palavra não seria dita.

E Carlinhos, antes de tudo, para mim, é esse ser educador. Apesar de toda a sua pujança criativa na música, e não só, na pintura também. Eu me delicieei com as pinturas de Carlinhos. O mais importante de tudo isso é ele ser o ser educador. Ele, em pleno nascimento dele, Carlinhos Brown para o mundo, como músico, como compositor, ele pensou em quem? Aí, vem o pensamento pitagórico: “Educai as crianças, e não será preciso punir os homens.” Ele criou uma escola: a Pracatum. Então, sobretudo, Carlinhos é isso, é um educador. (Palmas)

Penso que já falei demais.

Carlinhos, saravá, o nosso representante!

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Saravá, mestre!

(Não foi revisto pelo orador.)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Esses timbales balançam o Plenário.

Eu quero, com muita honra, registrar as presenças de Rafa Chagas, cantor da Timbalada; Nanci de Jesus, presidente da Rede de Mulheres Periféricas de Santo Amaro; Roque, vereador de Lauro de Freitas; o nosso grande Pai Pote, do Terreiro Ilê Axé Oju Onirê, essa grande referência do Bembé do Mercado. Muito obrigada pela sua presença, Pai Pote. Levante, pois o povo quer te ver, homem! (Palmas) Parabéns! Axé! Obrigada.

Registro as presenças de Luis Guilherme Pontes Tavares, vice-presidente da Associação Bahiana de Imprensa, por favor, seja bem-vindo; Luís Augusto, babatiçá da Casa Oxumaré; Sirlene Assis, presidente do Grupo Tortura Nunca Mais; Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira, a nossa vice-reitora da Univasf (Universidade Federal do Vale do São Francisco), muito bem-vinda; e Roque Fagundes, presidente da Inova de Lauro de Freitas, neste ato, representando a prefeita Moema Gramacho. (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido, para fazer a sua saudação de 5 minutos a este Plenário, o nosso secretário estadual de Cultura da Bahia, Bruno Monteiro. (Palmas)

**O Sr. BRUNO MONTEIRO:** Bom dia a todas as pessoas presentes.

Peço licença aos mais velhos, peço a bênção para este momento tão especial.

E me permitam quebrar o protocolo para saudar o nosso homenageado Carlinhos Brown. É uma honra estar, neste momento, compartilhando com você e com D. Madalena, a quem eu também cumprimento. Este momento é de celebração, sobretudo, da cultura baiana.

Minha cara deputada e amiga Olívia Santana, grande parceira, nossa presidenta da Comissão de Educação e Cultura, parabéns por este momento e por esta homenagem. Em sua pessoa, saúdo os deputados e as deputadas presentes a esta Casa.

Saúdo o nosso querido vice-governador Geraldo Júnior, grande parceiro, também grande incentivador da nossa cultura; o nosso querido João Jorge, parceiro e presidente da Fundação Cultural Palmares. A cultura voltou! A Fundação Palmares voltou! (Palmas)

Querida colega e amiga Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial; Davidson Magalhães, secretário do Trabalho; nosso querido Nivaldo, coordenador de Políticas para Juventude, o nosso governo representado neste ato tão importante; querido amigo e parceiro Pedro Tourinho, secretário de Cultura de Salvador; nosso querido amigo e companheiro Fernando Guerreiro, presidente da Fundação Gregório de Mattos; nosso magnífico reitor Paulo Miguez, da nossa Universidade Federal da Bahia. (Palmas)

Mestre Mateus Aleluia, é uma responsabilidade muito grande lhe suceder no uso da palavra, pois o senhor é a referência tão importante, também, para nossa cultura e para todos nós. doté Hamilton, sua bênção! Muito obrigado, também, pela sua presença e pelas suas palavras. E me permitam, em nome do nosso aniversariante do dia, Antônio Carlos, Vovô do Ilê, cumprimentar todos os artistas e toda a comunidade cultural presente. (Palmas)

O que a Assembleia faz, hoje, ao conceder esta mais alta comenda da Assembleia Legislativa da Bahia, a Carlinhos Brown, é um reconhecimento do valor da cultura na transformação de vidas.

Este menino do Candeal Pequeno de Brotas ganhou o mundo com tantos prêmios, com tantas comendas, com tantos títulos. Este reconhecimento, listado pela deputada Olívia, mostra aos jovens de Pracatum, Didá, Orquestra Afrosinfônica e aos milhares e milhões de jovens, sobretudo, negros da periferia de Salvador, das cidades baianas e do Brasil que a cultura é o caminho transformador.

Você, Brown, com toda a sua dedicação à arte, mas também com todo o seu compromisso social, toda a sua militância, toda a sua participação ativa em causas que dignificam a nossa presença neste mundo, enche de significado um ser que é cultural, mas é um ser político, é um ser social e é um agente de transformação.

Quando você, com toda a sua genialidade artística, faz essas revitalizações rítmicas, com essas ricas e significativas conexões com a ancestralidade, quando você, com seus arranjos, ajuda a criar o axé music e o samba-reggae, com a forte influência que a sua música, com seus ritmos, traz para essas manifestações tão simbólicas da Bahia, você, com certeza, está dando um potente recado de quanto a arte transforma, o quanto a arte é um caminho, o quanto a arte inclui, o quanto a arte emancipa.

Neste ano em que nós comemoramos o Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia e nos inspiramos nos exemplos de Maria Felipa, Maria Quitéria e Joana Angélica, celebramos, também, o centenário de Mãe Hilda Jitolu, o centenário de Osmar Macedo, criador do trio elétrico.

A Assembleia Legislativa da Bahia, ao conceder a Comenda Dois de Julho a você, Brown, ela manda um recado. Assim como nós buscamos essas inspirações para as nossas lutas cotidianas, reconhece-se que Carlinhos Brown é a inspiração para as juventudes baiana e brasileira sobre o poder da cultura como um caminho de transformação das suas vidas, do nosso estado e do mundo em que nós vivemos.

Obrigado, Brown, por toda a sua representatividade! (Palmas)

Obrigado por você, do menino inquieto do Candeal, ser este grande homem em movimento que, com todo o seu potencial e com toda a sua força, dá um exemplo claro para a Bahia, para o Brasil e para o mundo do poder transformador da cultura.

Muito obrigado! Axé!

Muito obrigado, Carlinhos Brown. (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada! Obrigada, secretário Bruno Monteiro, pelo seu importante pronunciamento neste Plenário.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Chamo, de imediato, a apresentação da nossa grande Orquestra Afrosinfônica da Bahia, através do maestro Bira, por favor. Nossos aplausos a essas artistas e a este artista que vai reverenciar o nosso homenageado desta manhã. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Gente, ah, gente, é muito lindo e é uma coisa que vem lá de dentro. A gente não sabe. Não sei de onde. Sei lá! Mas dá aquela

emoção e aquele arrepio. Este mestre Aleluia é uma bênção dos Orixás, uma bênção de Deus.

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero convidar, para ter o privilégio de falar neste momento, o nosso presidente da Fundação Cultural Palmares, João Jorge. (Palmas)

**O Sr. JOÃO JORGE RODRIGUES:** Bom dia a todos e a todas.

É um prazer enorme estar aqui.

Quero saudar a deputada Olívia Santana, nossa companheira de jornada; Antônio Carlos Vovô, o aniversariante amanhã, o presidente do Ilê Aiyê; e Carlinhos Brown. Em sua pessoa, Carlinhos, saúdo todos os presentes.

É muito importante o estado da Bahia, o estado onde eu nasci, onde eu tenho vivido, saudar as pessoas que contribuem com a cultura, com a fé e com a nossa civilização.

Nós, ainda, somos um lugar onde predomina o apartheid, o racismo, a intolerância, a homofobia, as discriminações. Alguns garotos e algumas garotas têm dado exemplos de como a Bahia pode ser mais rica e mais pujante se tiver centenas e milhares de Carlinhos Browns, Vovôs, Olívias e Armandinhos, do samba-junino, das pessoas de candomblé.

É uma fotografia do que nós podemos fazer. Carlinhos Brown é de uma geração fantástica de percussionistas que saíram de um patamar de invisibilidade ao levar a percussão para frente da sala. Neguinho do Samba, o maestro, o mago do samba-reggae, Tonho de Mola (palmas) e Carlinhos Brown andaram pelo Pelourinho em um momento incrível dos anos de 1970 em que se formava uma nova revolução afro-baiana. Cada um deles tocava em pequenos grupos. Havia uma sincronia com os países da África como Gana, Costa do Marfim, Senegal, Angola e Congo.

Então, essas pessoas, elas são pessoas divinas. Elas são inspiradas pelo divino. Quanto à música, ela não surge como a agricultura ou como a indústria ou como o comércio. Em um momento, o ser humano resolveu fazer música. Fez música para o casamento, para o nascimento, para o batizado e até para aquela despedida provisória, quando saímos daqui.

Por isso, pessoas como Carlinhos Brown, Vovô, Apolônio e tantos outros fazem da Bahia o que ela poderia ser. A Bahia, ao se destravar das amarras do colonialismo, será o estado mais desenvolvido deste país. Digo isso porque há ícones como Carlinhos Brown e como Margareth Menezes, a ministra que eu estou representando.

A Bahia produziu, nos últimos anos, algo incrível para um estado e para um lugar que começa em Itapuã e termina em Periperi. De cada lugar deste vieram milhares de Carlinhos Browns, fizeram centenas de blocos afros, centenas de afoxés e compositores incríveis do país Brasil para o mundo.

Assim, conheci Tonho Matéria, em 1987. Ao vê-lo cantar, pensei ser esse um homem íntegro como se chamam os homens mossis, de Burquina Faso. Homens íntegros cantam, cantam na noite, no dia, cantam em um terreiro de candomblé, cantam na capoeira, e têm uma visão ampliada.

Eu me incomodei de ser um garoto na Praça da Sé, na Rua do Bispo, em que os heróis eram portugueses, os nomes das ruas, as imagens de tudo quanto é lugar. Eu

perguntava muito a meu pai: “E os nossos?” Porque o meu pai era o meu herói, era o meu prefeito, era o meu senador, homem preto de bigode branco. Ele dizia: “Poxa, nós também queremos ser isto.” E foi preciso haver Carlinhos Brown, Vovô, Antônio Carlos Matéria, Vera do Araketu, só cérebro do Malê Debalê, todas essas pessoas que dão à Bahia o que a Bahia não merece.

Então, esta homenagem de hoje é, sim, ao candomblé, é homenagem à mais antiga religião do mundo, surgida no berço da África. Esta homenagem de hoje é homenagem à força do tambor, da percussão, do qual nós, que também somos do Olodum, do samba junino e do reggae, nos orgulhamos”. A pancada do coração, pum! Esta homenagem de hoje é uma homenagem aos moradores do Candeal, é uma homenagem ao quilombo periférico, quilombo urbano, é uma homenagem ao instrumentista Luiz Caldas, é uma homenagem a todos nós.

Espero que a Fundação Cultural Palmares e o novo Ministério da Cultura possam ajudar essas sementes a virarem plantas, colheitas de milho e de trigo. A nossa inspiração é a Revolta dos Búzios, de 1798, a mãe do 2 de Julho, e aqueles homens que andaram no centro histórico falando de poucas coisas. João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino e Luís Gonzaga falavam, em 1798, de liberdade, igualdade e fraternidade. Ela chegou, está ali e se chama Carlinhos Brown, nosso herói, nosso herói mítico.

Parabéns! Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada! Obrigada, João Jorge, pelas suas palavras tão bonitas, tão profundas.

Nosso vice-governador vai fazer uso da palavra daqui a pouco, ele vai voltar, não é, Matheus? Olha lá, hein, Matheus. (Risos) Quero saudar a presença do deputado Matheus Ferreira; também a presença de Heliana Diniz, nossa presidente do Instituto de Cegos da Bahia, seja muito bem-vinda; dos integrantes da banda Àttooxxá (Raoni Torres, o Wallace Carvalho e Osmar Cardoso), sejam bem-vindos, lindos, adoro vocês, eu sou fã; do deputado Manuel Rocha, também aqui presente. Estou dizendo que tem quórum.

Saudar a presença de Alexandre Guedes, meu querido Alexandre, figura, muito obrigada por você estar aqui conosco. Alexandre é vocalista da banda Motumbá, mas também foi o primeiro cantor da Timbalada, está vendo? É um plenário carregado de história. Saudar o coordenador-geral de políticas para juventude do governo da Bahia, Nivaldo Millet, seja muito bem-vindo, Nivaldo; Apoman Andorinha, nossa senhora indígena, os povos indígenas estão muito bem representados aqui hoje; a minha querida Licia Fabio, nossa promotor, já fiz a referência; a procuradora Ana Celeste, que neste ato representa a Procuradoria Geral do Estado da Bahia, obrigada; Adelmo Costa, presidente do bloco Apaches do Tororó; e Luciano Santos Rocha, babalorixá do Terreiro Ilê Axé Obá Omim Lajô.

Eu convido..... Agora já estamos chegando a hora de fazermos a entrega da homenagem e vamos assistir... Não, primeiro eu convido rapidamente, 3 minutinhos, nós temos, Brown, a entrega de presentes para você, o nosso artista Marcelo Gato, o

mestre de capoeira Tonho Matéria e o capoeirista Reginaldo, por favor, vão fazer a entrega... (Palmas) Nosso Sidney também! Obrigada! Esse ativista cultural do Bairro da Paz que faz um trabalho tão lindo, seja bem-vindo. (Palmas)

Brown, o presente é para você, tudo aqui é para você, Brown. Levanta, criatura. (Risos)

(Procede-se à entrega do presente, um berimbau.)

(O homenageado Carlinhos Brown toca o berimbau e canta música de sua autoria acompanhado do cantor Tonho Matéria e demais participantes da sessão.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada... Obrigada pela obra de arte do artista Marcelo Gato, obrigada pelo nosso berimbau e eu peço... peço... (risos) O.k., nós temos que... Uma sessãozinha à parte aqui, lateral...

(Procede-se à entrega do presente, a obra de arte de Marcelo Gato.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Marcelo Gato, artista plástico, entrega a imagem de Santo Antônio (palmas), hoje padroeiro, nosso padroeiro, que marca o dia de hoje, dia 13, a Trezena de Santo Antônio.

Nosso chefe de gabinete da Sepromi, Alexandro Reis, eu também faço aqui o registro da sua presença.

Nós vamos assistir agora, precedendo a entrega da homenagem, nós vamos fazer... assistir agora... Eu peço a compreensão de todos e todas, nós estamos em cima da hora, gente, precisamos seguir com a cerimônia, por favor.

(Procede-se à entrega da homenagem) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, equede Rosy, aqui também trazendo a homenagem do Terreiro de Oxumarê ao nosso homenageado desta manhã. Muito obrigada.

Nós vamos dar sequência assistindo ao vídeo da nossa ministra da Cultura, Margareth Menezes, que não pode estar presente. O Ministério da Cultura está aqui representado pela Fundação Cultural Palmares, mas a ministra também fez questão de mandar um vídeo, que é um abraço ao nosso Carlinhos Brown. Por favor.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós é que agradecemos o carinho da nossa ministra da Cultura, Margareth Menezes, e passamos a palavra agora, imediatamente, ao último orador desta manhã, antes da entrega da nossa comenda, que é o nosso vice-governador Geraldo Júnior... (Palmas)

(Integrantes da Associação HTLVida se manifestam com cartazes direcionados ao homenageado Carlinhos Brown.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): A Associação HTLVida aqui se manifestando também, lindamente. A gente ainda iria registrar... Obrigada, obrigada, companheiras de luta da HTLVida aqui presentes.

É um vírus, algumas pessoas convivem com esse vírus e precisam, de fato, do nosso apoio, da nossa ajuda. Nós vamos fazer uma audiência pública, inclusive, sobre o tema, companheira, para podermos dar a este assunto a relevância que ele merece. (Palmas)

Parabenizo aqui as companheiras que fazem um trabalho voluntário de apoio a pessoas com HTLV. Obrigada, saudações a vocês...

(Intervenção fora do microfone.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): É isso. O.k., companheira, nós vamos fazer a audiência pública para tratar do assunto, é uma pauta super relevante pauta super relevante.

A nossa querida deputada Maria del Carmen, que trouxe para a Casa o tema da fibromialgia, é também uma grande parceira nessa agenda, está junto conosco. Obrigada.

Com a palavra agora o nosso vice-governador, Geraldo Júnior, por favor. (Palmas)

**O Sr. GERALDO JÚNIOR:** Eu queria, inicialmente, eu queria fazer uma saudação, deputada Cláudia, muito especial a todas e a todos aqui presentes e dar um depoimento, Carlinhos Brown, um depoimento de um político, Armandinho, de um político, Aroldo, que já foi vereador desta cidade, que já foi presidente da câmara municipal, mas que está tendo uma oportunidade diferenciada.

Hoje, aqui, foi um dos melhores momentos e mais sensíveis momentos da minha trajetória política. Ontem recebi uma convocação da amiga guerreira e determinada deputada Olívia Santana para que aqui estivesse e, quando ela me encaminhou o objeto desta sessão especial, eu disse a ela que seria uma obrigação de ordem institucional, mas, acima de tudo, uma obrigação de ordem pessoal porque eu tenho, na figura de Carlinhos Brown, a figura de um simbolismo da cultura, do nosso povo e da nossa gente.

E me lembro, lá na infância, lá no gueto, quantas voltas dei no gueto. Então, Carlinhos, uma salva de palmas para você, meu irmão. (Palmas)

Mais forte! (Palmas)

A segunda dimensão... a segunda dimensão... Se você pudesse andar um pouquinho para trás aí só para eu olhar daqui a família... a família de Brown... Com certeza, Clara deve ter precisado sair por alguns instantes, mas quando eu vi a mistura de emoções entre – ali, Clara acabou de chegar – entre Clara, entre Miguel, entre Carlinhos Brown e a sua senhora mãe, dona Madalena... Eles têm uma coisa que é muito interessante, além de se falarem com o coração, eles se falam pelo olhar.

Vocês imaginem que, com toda a história, Vovô, aniversariante do dia de amanhã, com toda a história e experiência que Carlinhos Brown tem, com toda a vivência que Clara tem como artista no cenário nacional, com toda a experiência que possivelmente o Miguel está herdando do seu pai, eles não conseguiram controlar, Fernando Guerreiro, a emoção.

Em cada momento, e hoje foi um aprendizado para mim, tanto no seu discurso, Luiz Caldas, quanto na oportunidade que teve de cantar, Mateus Aleluia... Hoje eu quero dizer que é uma das realizações da minha vida te conhecer de perto. Uma salva de palmas para essa figura aí. (Palmas)

E você deu alguns ensinamentos aqui hoje. O primeiro deles: que a natureza, ela é marcada pelas leis, mas o homem é marcado pela postura da honra. E se tem alguém que tem um simbolismo de honra, tem de ser igual a Carlinhos Brown, não mais do que ele.

Segundo ensinamento: e aí eu vou na retórica do meu secretário de Cultura do estado, Bruno Monteiro, a gente está homenageando hoje um cara que foi pedreiro, um cara que trabalhou, minha amada Rita, nesta Assembleia Legislativa, um cantor, um músico, um talento, mas, acima de tudo, um agente transformador de vidas, um agente educador, um agente que continua colocando a sua mão e buscando dias melhores.

Eu poderia passar aqui, e para não cometer, deputado Bira Corôa, deputada Maria del Carmen, deputada Neusa Cadore... poderia, deputado Robinson Almeida, passar aqui a manhã toda fazendo essa relação da nominata, mas tudo isso, Brown, é um exemplo, primeiro, do reconhecimento da deputada Olívia Santana, autora deste projeto de resolução aprovado, por destaque, à unanimidade, nesta Casa.

E você vê quantos e quantos deputados por aqui já passaram. O meu orgulho, o deputado mais jovem da Assembleia Legislativa da Bahia, o segundo mais jovem do Brasil, é o deputado Matheus, temos deputados de oposição como o deputado Penalva e o deputado Manuel Rocha, meu mestre Reginaldo, Toinho Matéria, amigos que conhecemos de uma história... Aqui está o meio cultural, aqui estão os artistas, aqui a gente tem figuras do entretenimento como Rick Cal e Rafa Cal apaixonados por você, Carlinhos.

Aqui, nós temos a Pracatum, temos a Didá, aqui temos as apresentações que foram feitas, aqui eu tenho o simbolismo do jornalismo, Wanda Chase, (Palmas) aqui eu tenho tantas figuras que merecem o nosso reconhecimento.

Eu quero, em nome do governador Jerônimo Rodrigues, em nome do governo do estado, em nome da Dr.<sup>a</sup> Mônica Aragão, da Defensoria Pública do Estado da Bahia, dos órgãos de controle, eu quero, professor e mestre Paulo Miguez, eu quero, Tourinho, eu quero, João Jorge, agradecer-lhes, agradecer-lhes em nome dos 15 milhões de baianas e de baianos, quero que você seja o emissário à ministra da Cultura, Margareth Menezes. Mas quero que você diga ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, em tão pouco tempo, esteve aqui, na Concha Acústica, e disse ao povo baiano que nós vamos fazer e transformar a cultura do nosso povo e da nossa gente. (Palmas)

E a gente conhece uma árvore pelo fruto. Está ali D. Madalena. D. Madalena ali, ao meu lado, eu tirava as dúvidas com ela. E o orgulho em ver o seu filho que, de lá de trás, imaginou que chegaria ao cenário da cultura e da música, mas, acima de tudo, na proteção de todos nós.

Ao pai doté Amilton, parabéns pelas palavras extensivas a ele, o pai Pote. Com essa saudação, eu saúdo todos os representantes da religião de matriz africana, (Palmas) aos povos tradicionais indígenas...

E dizer, Lícia Fábio, dizer ao povo baiano que tem uma passagem... Porque me deram aqui um texto para falar, mas eu falo o que o coração manda. E tem uma passagem de uma das suas músicas que eu sou verdadeiramente apaixonado, Sarajane, que diz assim: "a música é a linguagem, a linguagem universal, capaz de unir, unir corações e transformar realidades; o talento e a coragem são armas poderosas para transformar o mundo em um lugar melhor".

Por tudo isso, Carlinhos Brown... Eu senti a falta dele aqui hoje, mas deve estar numa nova missão, o nosso amigo em comum Guilherme Bellintani, que tem uma

paixão por você, que fez ainda mais, esse político e cidadão de Salvador, descobrirem em você aquilo que está além da própria existência humana.

Muito obrigado por sua dedicação, muito obrigado em nome do povo baiano, muito obrigado.

E aqui vai um recorte: não pediu cachê, não pediu contratação, mas, nos últimos 15 dias, foi um verdadeiro embaixador da Corrida Bahia Sem Fome. São 33 milhões de brasileiras e de brasileiros no mapa da fome; são 2 milhões de baianas e de baianos que não sabem se vão acordar e se vão comer. E você se prontificou espontaneamente para ser o embaixador junto ao governo do estado desta corrida, arrecadando 26 toneladas de alimentos. (Palmas)

Que Deus e os orixás nos abençoem. Olodumaré! Fiquem com Deus.  
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, vice-governador, por estar conosco integralmente nesta manhã.

Saudar e agradecer, também, pela presença a Joselito Crispim, do Bagunção, meu querido amigo Joselito; Neto Bala, nosso artista também; a nossa cantora Graça Onasilê, do Ilê Aiyê; a nossa artista também Mel Girassol; Jurandir Júnior, o nosso Jacaré Di Alabama, Capoeira em Movimento, presente aqui também. Quero agradecer demais à capoeira, a esses artistas. Esta Casa aprovou a Lei Moa do Katendê e este é um bom momento de lembrar a memória do nosso grande Moa do Katendê.

Quero saudar a chefe de gabinete da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Aldenira Sena, mas todo mundo a conhece nesta Casa como Aldinha Sena; Sr. Jaírdilson Paz, professor da Universidad de Salamanca, na Espanha, obrigada pela presença. Joselito Crispim, o seu nome está aqui quatro vezes, quatro fichas para eu não esquecer jamais. Saudar a nossa diretora do Grupo Cultural Olodum, Rita Castro, nossa querida Ritinha; Talita Macedo, do escritório Ribeiro & Santos, aliás, o escritório Ribeiro & Santos está aqui em peso, Uchenná e Cauã também estão aqui presentes, do escritório Ribeiro & Santos; o diretor da Oquei Entretenimento, Ricardo Cal, seja bem-vindo; Osmar Cardoso Gomes, artista do grupo Attooxxa, a que eu já me referi; e saudar, também, nossa querida Joselita Sacramento de Santana, equedi do Terreiro de Jagum, aqui presente, e essa família tradicional de samba junino do Engenho Velho de Brotas, seja bem-vinda; Edson Costa, da Rede Emunde; a Sr.<sup>a</sup> Tamires Santos, coordenadora de Empreendedorismo Negro da Sepromi, bem-vinda; Leonardo Barreto, assessor da Secretaria de Planejamento de Santo Amaro; a pró-reitora de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Feira de Santana, Sandra Nivia Soares de Oliveira; Sr. Álvaro Uá, babalorixá do Terreiro Ilê Axé Oná Odo Oxum; Sr.<sup>a</sup> Márcia Brandão, presidenta da Associação HTLVida, aqui presente. É ela, sim, maravilhosa! Palmas para D. Márcia Brandão. (Palmas) É luta, gente, é muita luta! É luta, Tâmara, para se dar visibilidade a certas pautas que muitas vezes existem, mas são invisíveis e precisam do nosso apoio das políticas públicas.

E aproveito para registrar Tâmara Azevedo, nossa dirigente, também, do Psol, Partido Socialismo e Liberdade, coirmão nosso; e Elaine Angélica, tutora do Observatório da Pacificação Social da Ufba. Bem-vinda.

Então, sem mais delongas, nós vamos agora, Adailton Poesia, secretário de Cultura da Unegro, eu quero, com muita honra, pedir a vocês que fiquem de pé para fazermos esse momento tão esperado, esse momento solene tão esperado desta vitoriosa, sensível, amorosa sessão especial de entrega da Comenda Dois de Julho ao nosso homenageado.

Eu quero convidar a família do homenageado, por favor. D. Madalena já está aqui, Daniele, esposa do homenageado, os filhos Miguel e Clara, por favor, para que possam ser parte deste momento solene. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Muito bem! Obrigada!

(Lê) *“A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em conformidade com a resolução nº 1.277, de 11 de agosto de 1999, confere ao Sr. Antônio Carlos Santos de Freitas, Carlinhos Brown, a Comenda Dois de Julho pelas relevantes contribuições de âmbito político e administrativo ao Estado da Bahia. Resolução n.º 2.109/2023, proposta pela deputada Olívia Santana.*

*Salvador, 13 de junho de 2023.”*

Assinam o primeiro-secretário, deputado Marcelinho Veiga, o segundo-secretário, deputado Samuel Junior, e o presidente desta Casa, deputado Adolfo Menezes. (Palmas)

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós vamos agora para outro momento ainda mais especial, nós vamos ouvir a fala do nosso homenageado desta manhã, a fala de agradecimento à Assembleia Legislativa pelo ato de recebimento da Comenda Dois de Julho no bicentenário da nossa independência.

**O Sr. CARLINHOS BROWN:** Um lindo dia de Santo Antônio, um dia em que ainda haverá muitas comemorações em nome desta presença magnânima de Antônio e de Ogum em nossas vidas. (Palmas)

(Procede-se à saudação religiosa.)

Hoje nós consolidamos aqui, e viemos de galera, porque esse galardão é um resultado da nossa comunidade assim como eu sou o resultado da comunidade. E, antes de falar, eu quero saudar a Mesa, porque assim deve ser.

Com muita honra, saúdo a Ex.<sup>ma</sup> Deputada Estadual Olívia Santana, proponente da comenda; quero saudar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Jorge, meu amigo, também presidente da Fundação Cultural Palmares e um dos maiores líderes de todos os tempos de tudo que nós fazemos aqui em cultura, com suas criações, com o Olodum e tudo que ele significa. João Jorge me fez nunca me perder da convicção e do discurso de que tudo que nós estávamos ali construindo tinha um fato, uma direção a se tomar, unir as pessoas, trazer foco à cultura negra e trazer reparações das quais nós somos testigos, não é? Estamos vendo como muitas coisas estão acontecendo por causa desse discurso, João. E Olívia sempre ali presente.

Também saudar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Geraldo Júnior, vice-governador da Bahia; a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Ângela Guimarães, secretária da Sepromi; o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bruno Monteiro, secretário de Cultura da Bahia; o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Pedro Tourinho, secretário de Cultura e

Turismo de Salvador; a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Madalena, minha mãe; o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mateus, conhecido como Seu Mateus, esse músico, cantor, único e mestre da minha vida. Tincoãs veio com a minha nascença e é a minha maior referência também, porque não há como ir ao mundo sem ser baiano, sem ser a Bahia. (Palmas) E para isso é necessário se apoderar um pouco do que nós temos enquanto cultura, já que nem em todos os lugares... Porque o acarajé convence logo. Você chegou, botou o acarajé, botou a comida, “nêgo” diz: “Opa!” Mas, não tendo isso, a música traduz os sabores, a literatura traduz os sabores, e a gente consegue galgar espaços mais longínquos.

Quero saudar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. doté Hamilton, religioso do Vodun Zo.

(Procede-se à saudação religiosa.)

Tem mais gente aqui, e eu vou falar de improviso, viu, minha gente? Não consigo muito falar com o papel, não! Bom, meus agradecimentos... aqui! Tem mais gente, claro! Paulo Miguez, reitor da Ufba; Mônica Aragão, defensora pública, representando a Defensoria Pública Geral; meu querido irmão Fernando Guerreiro, representando o prefeito de Salvador; (Palmas) e os demais membros da Mesa.

Temos uma família muito forte aqui reunida, que estende-se à minha mãe, Madalena, e que são pessoas que eu estou acostumado a ver no meu dia a dia, ou seja, estou muito bem acompanhado e, como eu disse, nós viemos de galera, não é, professor? Não é, Tonho? Quando eu vejo Luiz e Sara, eu me identifico mais ainda com esses referentes. Luiz Caldas não é só o compositor, o rei do fricote, o rei do axé, Luiz Caldas é uma liderança que se propôs a tirar os sapatos para igualar-se aos seus, (Palmas) poucos entenderam isso. E, quando o sucesso veio, ele disse: *“Seria bom se todo mundo pudesse/ Entender o lado bom que a vida tem para oferecer/ (...) um pratinho na mão/ um shortinho pra vestir”*.

Nunca desistimos disso, Geraldo Júnior, do fato de que a fome é um caminho a ser vencido por todos nós. E, quando a gente trabalha em direção a vencer a fome, a gente trabalha essa generosidade que é familiar, que é peculiar do baiano, que é peculiar do povo brasileiro.

Mas, com o mundo de agora e com as oportunidades que o mundo oferece, às vezes, a gente não tem oportunidade de fazer esse exercício, porque estamos cuidando de outras fomes. Mas, ali, naquele que foi buscado ou naquele que exerce algum papel de liderança, que possa levar as mensagens dos que querem ajudar e que têm confiança para isso, é um papel a ser feito.

Não há mérito nenhum no que eu faço. Eu fui ensinado por vocês. Eu fui preparado pela Casa de Oxumarê; eu fui preparado por Olívia, por João, por doté, por minha mãe; fui preparado para esse dia; fui preparado para chegar ao bicentenário da Independência do Brasil na Bahia, que muitos historiadores relatam; e ser grato a esse quantitativo, a esse coletivo ancestral. Saber o que significa Joana Angélica, que não é apenas uma rua; Maria Quitéria; o corneteiro Lopes; e a mais tardia a ser reconhecida, Maria Felipa, a escrava liberta que lutou pela Independência da Bahia, de quem em algum momento se duvidou. E não foi só ela, como não será só a gente, como não sou só eu. O caboclo esculpido por Manuel Inácio da Costa, que representa os indígenas e mestiços baianos que lutaram pela independência e deixaram um legado gigantesco para a gente, e que o mundo de adversidades deixa dúvidas. Coisa que Dodô e Osmar

– não é, Armando? – já nasceram para quebrar esses paradigmas: 100 anos de Dodô e Osmar; 100 anos da manifestação da festa de Iemanjá. (Palmas) E eu me refiro sempre a isso como um presente de Iemanjá que foi além-mar. O que foi que Iemanjá fez com a gente? Pegou Dodô e Osmar, e disse: “Olhe, vocês estão me homenageando, então vou dar um navio para a terra, para vocês”. E inspirou o trio elétrico.

E o trio elétrico vem fazendo uma função de reconduzir a missão do Brasil, que é a de encontrarmos um caminho de coesão e de miscigenação. E, quando eu falo de miscigenação, sempre reflito e vou ali, em cima, como aprendi com Vovô do Ilê Aiyê, que a miscigenação não traz nenhuma reparação à dor da escravidão, mas é mais um componente para a compreendermos. Porque hoje nós estamos falando bastante de algo que nos acomete, que nós não queremos ter, Sara, que é o racismo. Volto a dizer que nós vamos vencer o racismo, mas nós não podemos nos separar. (Palmas)

Nós não podemos nos separar porque esse é mais um legado da mãe África para nós, e nós vamos encontrar, sim, essa possibilidade de que nós, enquanto seres humanos, possamos nos abraçar. O Carnaval é esse poder, o Carnaval é essa convicção, esteiado pelas ialorixás, por todo esse trabalho que tem sido feito por um grande matriarcado organizado, condensado, nesta cidade e no Brasil como um todo.

A comunidade do Candeal tem sido um dos espelhos de importância para o meu viver, muito mais do que eu para a comunidade, porque essa riqueza, eu encontrei lá. Essa riqueza não é minha, encontrei na minha comunidade. E, por isso, quis deixar como exemplo para a garotada que pode lhe faltar a escola, mas não deixe que as curiosidades lhe falem, porque ao seu redor vai ter gente sapiente, vai ter gente com informações que vão trazer um novo momento para você.

Tudo que nós estamos aqui e tudo que nós estamos buscando como linguagem de desenvolvimento é o fato de que a liberdade culmina na não violência. No desrespeito que se tem hoje com as mulheres nas comunidades como um todo, em todas as camadas sociais, abusos ou repetições abusivas que incutem, ali, nas nossas crianças, nos mais velhos, no nosso cultuar ou na própria presença de Deus, em todo momento, parece, sim, que estamos buscando a falência de Deus. Também quando nos desunimos em torno da nossa crença, do nosso respeito, em torno de valores culturais que são necessários ser estendidos como verdadeiras molas propulsoras de “culturar”, de educar.

Eu sou muito feliz por ter nascido no Candeal, por ser devoto de Santo Antônio, por estar em um lugar considerado o terreiro dos terreiros, por ali ter tido o primeiro assentamento de Elegbara – peço agô – e essas energias são frutíferas. Eu sou filho, sim, das inquices, dos orixás, dos voduns, e até misturo tudo isso, faço uma misturada danada quando escrevo minhas músicas, justamente porque foi assim... e porque essas minhas misturas não vêm da certeza, elas vêm de um aditamento e de algo que vai ser esclarecido ao longo do tempo. E vai ser esclarecido por todas as etnias que aqui vieram se condensar para gerar esse novo Olimpo ao mundo.

Carlinhos Brown é o resultado do pai, da mãe e das ruas. A rua me batizou com esse “Brown”, que poderia vir de lugares incomuns. Dentro da Bahia, tinha uma história que, se fosse brown, você estava desconectado da elegância da cidade. Era completamente diferente do que o Ilê Aiyê dizia.

Nós não tínhamos esses videocliques que temos hoje, tínhamos capas de discos. E aquela dança parada, para a gente, virava um movimento, a gente pegava a dança parada e já inventava uma coisa. E alguém que ia fora... E a gente começou a buscar sentidos, mas com uma escola muito forte, que era o Ilê Aiyê. Porque cada tema que o Ilê Aiyê trazia, como trouxe Kennedy, Desmond Tutu, tudo, Ilê Aiyê trouxe tudo para a gente... E todos esses segmentos foram se fortalecendo ali, com outras grandes lideranças, porque era necessário ter em cada comunidade lideranças dos grupos afros para que isso viesse a crescer.

Hoje, eu sou visto até aqui na ALBA, não é? Poxa, olha onde eu estou! Estou no púlpito que limpei quando vim trabalhar aqui. (Palmas) E tenho o mesmo carinho agora! Tenho o mesmo carinho agora, porque esse é um lugar onde a fala ganha ouvidos. Mas eu peço licença a vocês para extinguir totalmente essa homenagem ao artista Carlinhos Brown, sem desmerecer a homenagem, e trazer aqui a verdadeira pessoa que me trouxe a este lugar.

A Paralela nasceu para desenvolver a Bahia. Não se vai ao mundo com a velocidade que se imagina. Para eu chegar ao aeroporto, foi necessário, antes, chegar à rodoviária para carregar compras do antigo supermercado Paes Mendonça, que nasceu primeiro que o próprio Iguatemi, para a rodoviária, que não tinha nenhuma passagem quando o Sinart foi para ali. Juntei com os meninos, porque também não tinha carregador em supermercado, e a gente fez a chamada “pinguela”, para ajudar a passar o Camurujipe. E foi a primeira ponte que se fez ali, com os pivetes adolescentes. Fizemos e, nisso, a gente atravessava com as compras para ajudar as pessoas que faziam grandes compras e que vinham do interior do estado ali para a rodoviária. Esse foi um dos caminhos.

O meu segundo caminho foi, mais adolescente, quando minha mãe disse: “Você vai precisar de um emprego, você vai precisar trabalhar para ajudar a casa”. E minha mãe conseguiu me fichar no que nós chamávamos de “gata” – uma gata era uma empresa que trabalhava para outra empresa – chamada Embrasel. Primeiro, eu trabalhei no Ceped e depois vim trabalhar onde minha mãe estava trabalhando, que era no Derba, antigo Departamento de Estradas e Rodagens, que é aqui embaixo. E o que é que se tinha para fazer no Derba? Limpar os banheiros, limpar os andares e cada um tinha seu revezamento nos porões. E, de acordo com o comportamento, aquele porão também era um lugar de ensinamento, o cabo de turma fazia assim. Até o saúdo, saudando muito Playboy, Mira, Osvaldo, Crescêncio, as pessoas que trabalhavam comigo e que também vinham, em coletivo, deixar lustrosamente bonitas essas pedras, esses pisos, o que era feito com enceradeiras grandes. Tudo isso eu passei e tenho orgulho, porque não existe vitimismo nisso, existe aprendizado. Não existe dor nisso. (Palmas) Mas existe o legado da atenção.

Então Antônio Carlos Santos de Freitas, o servente, ou o “maluco”, como me chamavam pelas brincadeiras, pela dança, chega aqui hoje muito direcionado pela educação e formação da minha mãe. Minha mãe, essa honraria, eu peço desculpas para lhe devolver. (Palmas)

A senhora me trouxe até aqui. Eu te amo e acho incrível as mães e mães como a senhora terem essa força de, muito nova ainda, aos 14 anos, ter a liderança de trazer

seu filho, mantê-lo... E a gente parece irmãozinho, não é? Porque quem olha a senhora... A senhora só tem 14 anos diferentes de mim...

A Sr.<sup>a</sup> Madalena Gonçalves (fora do microfone): São 16 anos.

**O Sr. CARLINHOS BROWN:** São 16 anos, desculpa, minha mãe. Então, 16 anos de diferença. A senhora é minha mãe, mas nós, na presença de Deus, somos irmãos. Sua condução, minha mãe, é essa aqui, aquela vassoura que a senhora me deu, aquela enceradeira que a senhora me ensinou a passar geraram o meu caminho. A vassoura de Ossãe – sabe? – saiu fazendo todas essas limpezas, a enceradeira para trazer o brilho da vida.

Se me chamam de estrela, a senhora me ensinou esse polimento, essa indicação. Então, por que a estou reverenciando? Primeiro, porque a senhora merece; e o outro sentido é que, sem os nossos pais, sem essa observação ao centro, ao pai, ao professor, ao mestre, não há caminho polido. (Palmas)

Poderemos chegar a grandezas, a púlpitos altos, mas eles serão escorregadios, porque nele não estará o calço da base, não estará a extensão do agradecimento e do aprendizado, porque é na senhora, é nos meus mestres que eu ainda posso corrigir meus erros.

E hoje eu estou muito feliz e muito agradecido ao Candeal, ao trabalho de Selma, de Ruth, de Vera, de Ivanna, ao trabalho dos meninos da Timbalada, ao pai Pote, que me acompanha há muito tempo, às baianas de sempre, a Vovô, a Clarindo, eu me lembro que... eu me lembro muito... (Palmas) É, meu mestre, um dos orgulhos que eu tenho de Clarindo é que ele disse: “Nós vamos fazer um trabalho aqui para revitalizar o Pelourinho”, o tempo inteiro você vê que ele... e ele continua nessa coisa.

Eu me lembro que ele me convidou e convidou a Rumbahiana para fazer a primeira Festa da Benção, não foi isso, mestre? E isso consolidou não apenas o Pelourinho, porque foram benções para todas as comunidades, ao ponto de que era possível viver com as nossas culturas, com a força do Olodum, com a força dos Filhos de Gandhi e de todo aquele panteão de ações que é o Pelourinho.

O Pelourinho... Como a Bahia deu a Gil régua e compasso, o Pelourinho me deu também aguidavis, baquetas para a extensão do meu pensamento, ao ponto de eu compreender muito mais imediatamente toda a lição do Sr. Mateus Aleluia, dos Tincoãs, toda a missão do Candomblé para conosco. O Pelourinho me levou a uma missão maior, que era ressignificar o Mercado do Ouro como um ponto de força escravocrata na Bahia.

Ele hoje pertence à nossa cultura como um todo, vai passar por um tombamento a qualquer momento. Esse foi o trabalho, eu não fui ali para adquirir um mercado, para adquirir mais um imóvel, para ser dono de imóvel, mas, sim, para ressignificar uma história. Ele hoje é o único mercado do século XVIII de pé, e nós vamos fazer, sim, ali, um trabalho para ressignificar toda essa postura, assim como tem o Gueto de Mila, na Alemanha, ali vai estar um ponto importante para que essas memórias dolorosas se vão da gente, para que isso nunca mais volte a acontecer

Também para que essa postura de única identificação de que negro aqui só vê escravo, de que é escravo, de que é tudo... Nós vamos recontar as nossas dinastias ali a partir de um conforto coletivo de conquista, porque essa conquista não é minha, essa

conquista é da gente, eu fui intuído para trazê-la e acredito que todos esses trabalhos serão fortalecidos até a última criança. (Palmas)

Então, eu só tenho a agradecer. Eu peço desculpas se eu me esqueci de alguém, se eu esqueci algo, eu estou vendo aqui a nossa presidente do Instituto de Cegos da Bahia, a importância que o instituto de cegos tem na nossa vida (Palmas), Leléu, mãe de Sandra, a minha tia, toda a comunidade, Tiago Pulga, Andréia, Paty, são meus amigos, Alexandre, meu guerreirão ali, Careca, você também, meu irmãozão, estão aí todos esses irmãos, eu quero agradecer-lhes de verdade e dizer que hoje, Patrícia, Licia, Sara, Armando, Vovô, Tonho, Luiz, hoje é um dia muito especial para nós.

Que a liberdade continue fazendo parte dos nossos caminhos, e eu vou levar essa medalha, mas vou levar com a mesma força que eu levo, ou melhor, que eu me levo quando eu vou para a Bahia, eu levo junto, nós vamos levar juntos, e eu vou honrar muito isso.

E queria, mais do que este agradecimento, terminar com o nosso Hino ao Dois de Julho. Vamos cantar? Ajudem-me porque peguei uma rinitezinha, aquele resfriado que está na hora, então, vamos, tá?

(O homenageado Carlinhos Brown canta o Hino da Bahia.) (Palmas)...

Como aprendi com Gil e os Filhos de Gandhy, quem está feliz levanta a mão e dá um grito! Ajayô!

Participantes da sessão: Ô!

**O Sr. CARLINHOS BROWN:** Ajayô!

Participantes da sessão: Ô!

**O Sr. CARLINHOS BROWN:** Muito obrigado! Muito obrigado, Olívia! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Declaro encerrada a sessão, agradecendo a todos e todas pela presença, pedindo a vocês que se dirijam ao acampamento indígena. Brown irá, neste momento, para o acampamento para agradecer aos povos Tupinambá e Pataxó, que o receberam com tanto carinho e tanto acolhimento.

Então, eu peço a todos que sigam por ali para que a gente possa ir à rampa, o.k.? Vão para a rampa, e lá vai ficar melhor.

Muito obrigada a todas e todos.

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.*

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.*